

A concepção cênica de *Estou te escrevendo de um país distante* (Uma adaptação de *Hamlet* por Felipe Hirsch)

Célia Arns de Miranda (UFPR)

GT: Dramaturgia, Tradição e Contemporaneidade

Palavras-chave: Shakespeare, Felipe Hirsch, Estou te escrevendo de um país distante

Em 1997, Felipe Hirsch, ao integrar na montagem de *Estou te escrevendo de um país distante*, o *Hamlet* shakespeariano e as outras referências intertextuais dentro da dinâmica da dialética de apropriação textual através da prática paródica, formula uma recodificação moderna da tragédia shakespeariana: o homem moderno é despido de todas as suas máscaras, ilusões, verdades disfarçadas e dilacera-se entre exigências contraditórias de um mundo que finge ser real e que o impele a assumir ficticiamente o seu papel de herói trágico. Hirsch reitera que quando ele começou a escrever o texto moderno, ele não queria contar a história do Hamlet seguindo a estrutura tradicional com o desenrolar dos cinco atos: ele não pretendia simplesmente encenar mais um *Hamlet* com outras palavras. Na realidade, o que Hirsch gostaria é que a sua versão fosse uma espécie de ensaio que apresentasse e refletisse as diferentes visões e adaptações contemporâneas de *Hamlet* (Entrevista 04/06/1999).¹

É evidente que Felipe Hirsch, ao transpor para o palco o *Hamlet* shakespeariano, revela uma concepção cênica e ideológica completamente diferente do dramaturgo inglês, pelo menos, se considerarmos esta afirmação como um pressuposto geral. Entretanto, ao colocarmos as duas peças, lado a lado, percebemos que tudo é, ao mesmo tempo, muito semelhante e muito diferente: é uma semelhança com diferença crítica. Tem-se a impressão exata que é Shakespeare, que grande parte dos episódios está lá, que a crítica social se repete, que as personagens revelam a mesma motivação interna. Todavia, o enfoque é outro, a radicalização, o grotesco e o transvestimento evidenciam a quebra da ilusão, a linguagem choca, a concepção cênica exige que o público participe como um observador atento a toda a evolução da ação – é como se Hirsch colocasse uma lupa sobre o que é peculiar e ampliasse e intensificasse os matizes da peça shakespeariana.

Em *Estou te escrevendo de um país distante*, o narrador inicia o espetáculo informando o público que ele vai ler a história de Hamlet. Ao soprar a poeira do livro antigo, ele anuncia: “...o vento limpa as páginas empoeiradas pelo tempo revelando a mesma história. /.../ o que será dessa história se eu pudesse prender em minhas mãos os seus crimes e suas vinganças? assim, arranhando as unhas contra o papel, arrancar dessa história as palavras pai, distância, vazio, pecado, poder...” (HIRSCH, 1977, p.1)². Estas palavras iniciais, por um lado, antecipam o conteúdo da tragédia que tratará de crimes, vinganças, pecado, poder e pai – estas são palavras-chaves que já estão irreversivelmente impressas nas páginas empoeiradas do destino das personagens. Por outro lado, a presença do narrador informa explicitamente os espectadores

¹ Em 1999, ao ter optado pelo grande desafio de direcionar a pesquisa da Tese de Doutorado na Universidade de São Paulo para as adaptações modernas do universo shakespeariano, a minha proposta de trabalho centralizou-se na análise da montagem de *Estou te escrevendo de um país distante*. O ponto de partida para a compreensão panorâmica do currículo de criação foi a gravação de entrevistas com Felipe Hirsch e Guilherme Weber.

² HIRSCH opta por não usar letras maiúsculas nos nomes próprios e no início das sentenças depois dos pontos finais.

sobre a artificialidade // teatralidade da representação que eles irão presenciar: a dialética dos contrários entre a vida e o teatro, o real e o irreal, a verdade e o equívoco, a essência e a aparência, a sanidade e a loucura já é flagrada nas primeiras linhas da peça, tornando-se o sustentáculo conceitual e conteudístico da encenação. Na realidade, a forma torna-se conteúdo, ou seja, o conteúdo torna-se consciente através da forma: a estrutura metateatral em *Estou te Escrevendo de um País Distante* é um indício de que os limites entre a realidade e a ilusão foram abolidos.

Um outro detalhe interessante para ser destacado é que como o narrador em *Estou te escrevendo de um lugar distante* está lendo de um livro o desenrolar da história, a narrativa nesta peça específica torna-se bastante objetivada, não passando pelo crivo da memória e, conseqüentemente, pela interiorização psicológica dos fatos. Entretanto, apesar do narrador não poder intervir na história como ele próprio evidencia na sua fala inicial, ele se torna, muitas vezes, um comentador da ação e, significativamente, no desfecho da peça, ele procede uma reflexão sobre a condição existencial do homem: a lógica do mundo e a sua realidade diária devem ser, inescrutavelmente, seguidas, queiramos ou não. O mecanismo da tragédia do homem moderno foi colocado em movimento e não tem como pararmos a sua engrenagem: a estrutura da tragédia clássica foi rompida, a ordem dos episódios foi desfeita, os atores e atrizes foram transvestidos e o espectador não tem mais a impressão da ilusão cênica, mas a constatação da sua realidade existencial permanece. O silêncio no final do espetáculo foi profundo: as palavras do narrador ao fazer uma alusão à tragédia de Otelo, "sinto uma pena sem fim, hamlet" (HIRSCH, p.44) ainda ressoam em nossos ouvidos. Todos sabemos que ele não se refere apenas às "Ofélias" e aos "Hamlets" das peças teatrais mas a todos nós seres humanos. "Todos nós somos Hamlet" – este é reconhecimento da nossa condição existencial.

William Hazlitt, ao elaborar um estudo sobre os personagens de Shakespeare, afirma que as falas de Hamlet são tão reais quanto os nossos próprios pensamentos: a tragédia hamletiana, como ele comenta, revela uma verdade profética que está acima da verdade histórica. Hazlitt prossegue afirmando que, com certeza, esta é uma das peças de Shakespeare que atinge com maior intensidade o nosso pensamento porque ela é rica em surpreendentes reflexões sobre a vida humana e porque o pesar e a angústia de Hamlet são transferidos para a humanidade em geral: Hamlet é tão pouco do herói quanto um homem pode ser. (HAZLITT, p.85-87.)

Em *Estou te Escrevendo de um País Distante*, Felipe Hirsch opta por uma encenação teatralizada, não existindo nenhuma tentativa de criar uma ilusão da vida teatral. Hirsch comenta que se ele fosse re-apresentar *Estou te Escrevendo de um País Distante*, dificilmente, ele conseguiria escapar deste tipo de montagem: "é uma peça que grita por este tipo de concepção e atuação, é a estética adequada para a sua encenação" (Entrevista 24/01/2001). Certamente, se a peça fosse representada no estilo naturalista, a encenação perderia grande parcela de sua magia. O estilo e a prática de representação dos atores exacerba o jogo dicotômico entre a vida e a arte: os dois níveis de representação, o ator e o personagem, interagem durante toda a encenação e deflagram para o público o jogo teatral. A realidade pintada aparece como já teatralizada, afirmação que reitera as palavras de Patrice Pavis de que "...o metateatro torna-se uma forma de antiteatro onde a fronteira entre a obra e a vida se esfumaça". (1999, p.241) Um exemplo esclarecedor é

quando Hamlet, no início da peça (HIRSCH, p.2), afasta-se de seu personagem para assumir o papel de apresentador de Gertrudes, Claudius, Polonius e Ofélia: através de uma linguagem direta, sem disfarces, chocante, Hamlet, ao dirigir-se diretamente ao público, evidencia as características mais peculiares e contundentes das personagens, muitas vezes, até melindrando o pudor dos mais desavisados, mas revelando a verdade "nua e crua". As personagens nos dizem francamente, através de sua atuação, que foram inventadas, que são obras teatrais sobre a vida apreendida na sua teatralidade. O teatro, mesmo sendo teatro, pretende arrancar as máscaras, ou melhor, pretende revelar as máscaras que todos nós usamos.

Ao observarmos o elenco de atores que realizaram a representação de *Estou te Escrevendo de um País Distante* tal como aparece no programa da peça, percebemos de imediato que, com exceção de Zeca Cenovicz, Fernanda Farrah e Pedro Piovani que representam respectivamente o narrador, Ofélia e Hamlet (menino), todas as outras personagens são representadas por atores do sexo oposto, da mesma forma que existe a duplicação de papéis em alguns casos, como pode ser verificado na relação do elenco que está organizada a seguir. Ao introduzir recursos metateatrais na encenação moderna, Felipe Hirsch opta por mostrar os personagens na própria essência e contradição humana: ao se evidenciar a dualidade e a artificialidade dos papéis, não mais importa se os mesmos são representados por homens ou por mulheres. Hirsch reitera que os papéis em *Estou te Escrevendo de um País Distante* foram designados a partir da energia de cada ator em relação aos diversos personagens e não por uma preocupação com o sexo, tanto que Hirsch não optou por inverter todo o elenco. (Entrevista 24/01/2001) É evidente que o impacto de uma representação nestes moldes é impressionante. O público observa, distancia-se e tira suas conclusões: ele não tem mais a fotografia, mas um reflexo crítico.

<u>ATORES</u>		<u>PERSONAGENS</u>
Nena Inoue	}	Hamlet
Raquel Rizzo		Horácio
		Espectro do pai
Zeca Cenovicz		@ (narrador)
Guilherme Weber		Gertrudes
Érica Migon		Claudius
Fernanda Farrah		Ofélia
Pavlova di Venerdi		Laertes
	}	Polonius
Lala Schneider		Coveiro,
		Yorick
Pedro Piovani		Hamlet (menino)

O que impressiona em Shakespeare é a multiplicidade de leituras que seus textos permitem, o que confirma as palavras de J. Guinsburg de que "...há tantos Shakespeares quantas as etapas e as transformações fundamentais do teatro e de suas correspondentes cosmovisões...". (HELIODORA, 1997, "orelha" do livro). Embora o teatro elisabetano tenha sido extremamente popular na época, Shakespeare jamais teve uma audiência maior do que em nossos tempos: ele continua a dialogar com a contemporaneidade devido a recriações como a de Hirsch em *Estou te Escrevendo de um País Distante*, onde a dinâmica das vozes interativas permitiu-lhe vislumbrar uma proposta de interpretação dentro de uma nova linguagem teatral e do

espírito dos tempos modernos, exatamente como o narrador anuncia no início do espetáculo: "No ato V, cena II, hamlet pede ao amigo horácio para que viva neste mundo de dor para contar a sua história. há quatro séculos ele sobrevive para nos contar esses atos carnais e carnificinas. é claro que ele vem adaptando essa história com o tempo". (HIRSCH, 1997, p.2)

Bibliografia

HAZLITT, W. *Characters of Shakespeare's Plays*. London: Oxford University Press, 1939.

HELIODORA, B. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

HIRSCH, Felipe. *Estou te Escrevendo de um país distante: Hamlet com febre*. Roteiro de encenação. Curitiba, 1997.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. (Trad.) J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.